

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

Eleições presidenciais no Brasil em 2018: a mobilização das massas a partir de Jair Bolsonaro*2018's Presidential Elections in Brazil: The Mobilization of the Masses through Jair Bolsonaro*Luís Felipe Ferreira de SOUZA ¹
Ana Paula Lourenço de SÁ ²
Paulo José Barroso de Aguiar PESSOA ³

Resumo: Utilizando recursos discursivos violentos, Jair Messias Bolsonaro angariou mais de 57 milhões de votos nas eleições de 2018, reunindo seguidores com o apoio maciço de setores cristãos, sobretudo da vertente neopentecostal, em um pleito eleitoral marcado pelo uso de *fake news*. Dessa forma, o presente artigo teve como objetivo investigar os elementos psicossociais que corroboraram com a eleição do até então candidato à presidência, buscando ainda identificar relações causais que explicassem a significativa adesão de apoiadores. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando, fundamentalmente, o texto de Freud intitulado *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (publicado originalmente em 1921), no qual o autor oferece subsídios para se pensar os fenômenos grupais a partir da influência do líder, sobretudo através da identificação. Assim, verificou-se o papel dos algoritmos e a contribuição das redes sociais no processo eleitoral, no qual os adeptos de Bolsonaro, escorados em discursos hiper morais, estimularam a reprodução de ações que rompiam com os limites éticos e democráticos. A influência do líder ocasionou a homogeneização das subjetividades, que possibilitou o manejo do grupo e a adesão a ideais comuns entre os sujeitos, se configurando como o plano de fundo da conjuntura psicopolítica brasileira.

Palavras-chave: Psicanálise. Fenômenos grupais. Eleições. *Fake news*.

Abstract: Using violent rhetorical resources, Jair Messias Bolsonaro garnered over 57 million votes in the 2018 elections, rallying supporters with massive backing from Christian sectors, especially from the neo-Pentecostal branch, in an electoral campaign marked by the use of fake news. Thus, this article aimed to investigate the psychosocial elements that contributed to the election of the then-presidential candidate, while also seeking to identify causal relationships that explained the significant support from his followers. To achieve this, a bibliographic research was conducted, primarily utilizing Freud's text titled "Group Psychology and the Analysis of the Ego" (originally published in 1921), in which the author provides insights for understanding group phenomena through the influence of the leader, particularly through identification. Consequently, the role of algorithms and the contribution of social networks in the electoral process were examined, where Bolsonaro's supporters, backed by hyper-moralistic rhetoric, encouraged actions that broke ethical and democratic boundaries. The leader's influence led to the homogenization of subjectivities, enabling the management of the group and adherence to common ideals among individuals, thus shaping the backdrop of the Brazilian psychopolitical context.

Keywords: Psychoanalysis. Group phenomena. Elections. Fake news.

¹ Graduado em Psicologia – UniFAFIRE. E-mail: luisfelipe07@outlook.com

² Mestra em Educação – UFPE. E-mail: anas@prof.fafire.br

³ Docente e Coordenador do Curso de Psicologia – UniFAFIRE. Mestre em Psicologia Clínica – UNICAP. E-mail: psipaguiar@gmail.com

1 Introdução

A conjuntura da política brasileira dos últimos anos esteve permeada por elementos que impactaram a vida dos sujeitos mediante o tensionamento das relações sociais em uma dinâmica de bipolarização acirrada. Os eventos que aconteceram no cenário político, sobretudo a partir do período precedente às eleições de 2018, foram atravessados por um discurso de aniquilação, exprimindo o potencial agregador das *fake news* em favor do então presidenciável Jair Messias Bolsonaro. Apesar da explicitude da violência contida em suas falas, Bolsonaro, através de promessas messiânicas de resgate de valores morais, foi capaz de angariar significativo apoio de setores cristãos, sobretudo de vertentes neopentecostais. Em defesa da “família” e da “vida” (Mariano; Gerardi, 2019, p. 62), tais grupos se utilizaram (e ainda se utilizam) de práticas fundamentalistas em prol de ideais religiosos e políticos ultraconservadores.

Essa dinâmica conservadora já esteve em voga no país quando, em 1964, grupos religiosos, especialmente católicos e protestantes, temendo um suposto levante comunista, foram às ruas formando as Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade (Fico, 2015), que defendiam os ditos valores morais, encabeçando um movimento nacional que culminaria no golpe de Estado e o conseqüente regime militar no país. Tais características dos grupos conservadores revelam um modo de dinâmica psíquica particular, bem presente na massa bolsonarista, e passível de investigação, devido à amplitude de seus impactos na política e na vida cotidiana do país.

Em seu texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (originalmente publicado em 1921), Freud destaca a indissociabilidade e afetação mútua dos âmbitos individual e social, comparando o funcionamento das formações grupais, especialmente as que são guiadas por um líder, ao funcionamento libidinal do sujeito, observando movimentos correlacionais em diversos aspectos. Uma vez que a socialização do indivíduo se dá em grupos que constroem e moldam sua personalidade ao longo da vida, Freud investigou os elementos que fazem com que uma massa influa “tão decisivamente na vida psíquica do indivíduo” (Freud, 2011, p. 17), sobretudo quando sob a sugestão de um líder, rebaixando a criticidade dos sujeitos e homogeneizando suas diferenças. O texto em questão realiza uma investigação do funcionamento das massas no período que sucedeu à I Guerra Mundial, tendo sua relevância pela necessidade de análise das razões pelas quais os seres humanos se autodestroem, ganhando

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

bastante enfoque por já denunciar os moldes nos quais o nazifascismo ascenderia na Europa. Na contemporaneidade, entretanto, a manipulação das massas conta com o elemento das redes sociais, que, através do manejo dos algoritmos e da propagação das *fake news*, facilita o engajamento dos sujeitos em torno de um ideal ou de pautas compartilhadas por um líder.

Diante disso, o presente artigo objetiva jogar luz sobre os aspectos psicossociais que permeiam a formação grupal da massa bolsonarista, investigando elementos que fomentaram sua adesão e manutenção, sem pretender esgotar as reflexões ou fornecer explicações conclusivas acerca do tema. Antes, tende-se a desvelar alguns dos fenômenos próprios de uma massa, objetivando investigar as razões pelas quais os sujeitos, sobretudo os religiosos neopentecostais, tornam-se adeptos a narrativas antidemocráticas, que apregoam o extermínio do outro, marcadas por uma devoção isenta de pensamento crítico. Pretendeu-se averiguar a influência do uso das *fake news* e dos algoritmos na manipulação da massa e na sugestionabilidade do líder, uma vez que essas ferramentas contemporâneas permitem a sondagem de desejos e o conhecimento profundo das personalidades (Han, 2018).

Tendo em vista que a prática da psicologia deve ser pautada em ideais políticos de defesa dos direitos humanos e das liberdades individuais, a presente pesquisa tem sua relevância justificada por oferecer caminhos de reflexão sobre a cultura de ódio enquanto projeto político que vulnerabiliza os sujeitos, em especial os pertencentes a grupos sociais marginalizados. A necessidade de investigação acerca dos determinantes sociais e pulsionais que convergem em uma massa, é relevante, nos dias atuais, para o posicionamento do psicólogo enquanto atuante na defesa e garantia de direitos. Para Brousse (2003), a existência da psicanálise, por sua vez, necessariamente põe o analista em uma posição política, uma vez que este deve “se interessar pela subjetividade de sua época” (Brousse, 2003 p. 18) e alargar a margem de possibilidade de escolha do sujeito.

Finalmente, através da pesquisa, é possível criar caminhos de reflexão acerca dos fenômenos das massas ultraconservadoras na contemporaneidade, que vão além do contexto brasileiro e se apresentam enquanto tendência global (Empoli, 2019). Os elementos próprios desta época, que ampliam a tensão entre os grupos que rivalizam entre si, servem de força motriz para a propagação de inverdades que mantêm os sujeitos aglutinados em uma massa, sendo válido ponderar a respeito da maneira pela qual os aspectos contemporâneos a influenciam.

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

2 A caracterização da massa e a mobilização de afetos pela liderança

O indivíduo, enquanto sujeito singular, dotado de personalidade, é objeto de estudo da psicologia, tendo não somente seus comportamentos estudados, mas também as maneiras pelas quais suas subjetividades são construídas na interação com o outro. Entretanto, este mesmo sujeito, enquanto pertencente a diversos grupos ao longo de sua vida, tem seu funcionamento mental afetado por eles, como notado por Freud (2011, p.17):

(...) esse indivíduo, que se tornara compreensível para ela [a psicologia], em determinada condição pensa, sente e age de modo completamente distinto do esperado, e esta condição é seu alinhamento numa multidão que adquiriu característica de uma “massa psicológica”.

A priori, é fundamental definir aqui do que se trata uma massa. Em seu livro, *Psicologia das Multidões*, Le Bon (1980) define uma massa ou multidão diferindo-a do que se concebe a nível de senso comum, que seria um agrupamento de pessoas, independente de sexo, nacionalidade ou profissão. Le Bon (1980), no entanto, a define como sendo mais que um mero agrupamento de pessoas, mas a reunião de indivíduos que possuem características psicológicas peculiares, como, por exemplo, uma orientação fixa de ideias e sentimentos, formando uma personalidade grupal. Significa dizer que o aspecto consciente da personalidade dos sujeitos é enfraquecido, assim como suas características próprias mais marcantes, dando lugar a uma personalidade coletiva. A este sentimento próprio de uma massa, o autor intitula de “alma coletiva” (Le Bon, 1980, p. 10), e o considera como o fator que caracteriza uma multidão psicológica ou, simplesmente, uma massa. Le Bon, influenciado pelo contexto da Revolução Francesa, que contou com grande manifestação popular, compara uma massa a um organismo que é composto por diversos elementos diferentes, que possuem funções e características distintas, mas, estando agrupados, funcionam de maneira homogênea, como as células que constituem o corpo humano (Le Bon, 1980).

Portanto, a simples aglomeração aleatória de indivíduos não constitui, necessariamente, a existência de uma multidão psicológica; para tal, é preciso que existam fatores “excitantes” (Le Bon, 1980, p. 17) permeando este ajuntamento. Esses fatores são postos pelo autor como sendo da ordem de um inconsciente unitário, pois os indivíduos apresentariam características semelhantes que qualificariam o agrupamento como sendo uma multidão psicológica. Freud (2011), em complemento, ressalta que uma vez que o sujeito se encontra diluído em um grupo,

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

ele é tomado por uma sensação de invencibilidade que resulta da emergência de impulsos instintivos inconscientes como efeito do enfraquecimento dos diferentes dispositivos repressores que constituem o psiquismo humano. Assim, imerso em uma massa, o indivíduo veste uma personalidade coletiva em detrimento de seus atributos particulares e, até certa medida, autônomos. É a partir do pressuposto de que em uma massa os sujeitos têm suas potencialidades intelectuais diminuídas que Le Bon se refere às multidões como sendo incapacitadas de realizar atos que exijam inteligência elevada, e, assim, só podem acumular “mediocridades” (Le Bon, 1980, p. 13).

McDougall, em seu livro *The Group Mind* (1921), destaca que o rebaixamento da inteligência dos indivíduos se dá coletivamente, também em influência mútua. Assim, as decisões e julgamentos tomadas em uma multidão, por mais simples e desorganizadas que sejam, poderiam ser facilmente refutadas por um indivíduo que pensa isoladamente, sem a incidência da carga afetiva de um grupo. A diminuição da capacidade de elaboração de um grupo se dá de forma que as informações transmitidas dentro do grupo possam ser acessíveis para a coletividade.

O principal fundamento da organização de baixa inteligência exibida em multidões simples é que as ideias e raciocínios, que podem ser coletivamente compreendidos e aceitos, devem ser aqueles passíveis de serem assimilados pela classe de mentes inferiores entre a multidão. Essas mentes menos inteligentes reduzem a inteligência do todo ao seu próprio nível (Mcdougall, 1921, p. 41, tradução nossa).⁴

Apesar das particularidades das concepções, percebe-se nas massas a presença de uma maleabilidade comportamental típica do transe hipnótico, o qual Le Bon atribui ao efeito do contágio. Esse último aspecto indica que as ações dos indivíduos em grupo têm caráter epidêmico, servindo como um motor que propulsiona ações voluntárias em uma multidão. Os sujeitos pertencentes a uma multidão psicológica têm suas ações retroalimentadas entre si em um processo de incentivo mútuo que toma parte de todo o grupo, levando-os a agir, inclusive, sacrificando “seu interesse pessoal ao interesse coletivo” (Le Bon, 1980, p. 14).

Para além de as ideias se propagarem de maneira transmissível, a sugestão é outro elemento que faz com que os sujeitos da multidão ajam de maneira oposta àquela na qual

⁴ The principal ground of the low order of intelligence displayed by simple crowds is that the ideas and reasonings, which can be collectively understood and accepted must be such as can be appreciated by the lower order of minds among the crowd. These least intelligent minds bring down the intelligence of the whole to their own level (Mcdougall, 1921, p. 41).

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

agiriam se estivessem individualizados. Le Bon (1980) compara este poder exercido sobre o indivíduo em um grupo à influência de um hipnotizador sobre um sujeito em transe: as defesas psíquicas deste estão esgarçadas e ele é entregue às vontades do hipnotizador. Os componentes das massas ficariam à mercê da sugestão que rege o comportamento do grupo, suas ações seriam impulsivas como resultado da diminuição do discernimento e do fascínio pelo hipnotizador, constituindo uma ocasião propícia para a emergência de instintos primitivos. Conforme Freud (2011, p. 25), “a massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente”.

Freud (2011), entretanto, reitera que o contágio é antes influenciado pela sugestão sofrida pelos indivíduos de um grupo, contrapondo a concepção de Le Bon, na qual a sugestão e o contágio seriam efeitos fisiológicos semelhantes ao estado de transe hipnótico. Além disso, critica a ausência do elemento comparativo que substituiria a figura do hipnotizador na analogia feita por Le Bon: na multidão, é o líder quem exerceria a figura deste hipnotizador que manipula e molda os comportamentos dos sujeitos.

As massas, portanto, têm caráter altamente influenciável, os seus componentes estão dispostos a imediatamente transformar ideias em atos através da sugestão que os orienta em uma mesma direção. Porém, a afetividade experienciada por uma massa será definida pela forma na qual ela é conduzida. Seu resultado pode ser de uma excessiva moralidade capaz de reprimir impulsos egoístas e dotar a massa de atos heroicos e altruístas.

Do que dissemos anteriormente, conclui-se que a multidão é sempre intelectualmente inferior ao indivíduo, mas, no que se refere aos sentimentos, aos atos que eles provocam, pode, conforme as circunstâncias ser melhor ou pior. Tudo depende da maneira como a multidão é sugestionada (Le Bon, 1980, p. 15).

Logo, as multidões também podem apresentar o efeito inverso do típico comportamento destrutivo, assumindo níveis mais elevados de uma conduta moral a partir de sentimentos de renúncia de desejos egoístas e de equidade. Tais sentimentos podem ser estimulados em um grupo por meio da “indução direta da emoção” (McDougall, 1921, p. 26, tradução nossa) ou, em outras palavras, através do contágio inconsciente, como reforça Le Bon, (1980, p. 29) “podemos dizer que as multidões possuem por vezes essas virtudes num grau que os filósofos mais sábios raramente conseguem atingir”. McDougall (*apud* Freud, 2011) aponta características que elevariam a massa a uma posição de maior organização e sofisticação, o que provocaria tais efeitos morais. Para o autor, a existência de uma função bem definida para o

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

grupo, rivalidades, tradições e costumes, além da noção de continuidade e o estabelecimento de metas de atividades individuais, propiciariam ao grupo a não supressão da capacidade intelectual e do poder criativo (Mcdougall, 1921).

Uma vez que fatores excitantes de uma massa provocam nos sujeitos efeitos psíquicos específicos, para que uma massa seja estimulada por um líder não são precisos discursos coerentes, mas manifestações latentes capazes de arrebatá-la em sua paixão desmedida. Freud afirma que quem deseja influenciar uma massa não precisa demonstrar riqueza argumentativa, mas “deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (Freud, 2011, p. 27).

Tal afirmativa vai ao encontro do que aponta Giuliano da Empoli (2019), ao alegar que o engajamento bem-sucedido de um grupo não se dá por vias de uma boa comunicação ou da apresentação de um sólido projeto político, mas, antes, pela amplitude na qual o que é dito ressoa, em detrimento de sua veracidade. Tamanha assertiva pode ser observada no comportamento da massa bolsonarista, que ganhou força e impulsão a partir do intenso fluxo de compartilhamento de *fake news*, elemento decisivo no contexto psicossocial das eleições de 2018. O desprezo pela verdade das ideias propagadas acompanhou uma atração pelo extremo, no qual os componentes não enxergavam obstáculos para a aquisição de seus objetivos, sugestionando uns aos outros em posicionamentos extremados.

3 Os instintos sexuais, o narcisismo e a identificação nas massas

Os componentes de uma massa se mantêm unidos através da ilusão de que são todos amados e quistos igualmente por seu chefe, encontrando-se libidinalmente ligados a seus respectivos comandantes e a seus iguais (Freud, 2011). O laço libidinal é o principal atributo que mantém uma massa, pois acarreta o amansamento dos sentimentos ambivalentes cultivados pelos indivíduos entre si, fazendo enfraquecer formas de intolerância e divergências. Este é composto por instintos sexuais de metas inibidas que atravessam as relações entre os indivíduos e para com o líder, independente de aspectos de gênero ou anatômicos. Tal vinculação impede que os componentes do grupo estejam em absoluto desacordo, levando-os a se influenciar mutuamente e a impulsionar os afetos grupais. Entretanto, quando este laço é enfraquecido, provoca nos componentes um sentimento de desamparo e desespero, como assinalado por Freud

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

(2011, p. 50), “[o pânico] é caracterizado pelo fato de as ordens do superior não serem mais ouvidas e cada um cuidar apenas de si, sem consideração pelos demais. As ligações mútuas cessaram, e uma angústia enorme e sem sentido é liberada”.

Nos casos de formações grupais em que há a ausência de um líder, uma ideia condutora é utilizada para o substituir, comumente se apresentando como um discurso permeado pelo ódio direcionado, o que corrobora o efeito unificador. Esta abstração que substitui um chefe supremo torna os comportamentos dos indivíduos homogêneos, por se tratar de uma ideia que representa o interesse da coletividade grupal. Para além do fator da vinculação libidinal, outro mecanismo preponderante que provoca o amansamento dos instintos individuais em uma massa, permitindo a homogeneização, é a inibição, que, como efeito do narcisismo, censura a sexualidade dos sujeitos em prol da aspiração pelo líder, o modelo a ser seguido (Costa, 2021). Em seu texto de 1951, Adorno salienta o papel do aspecto narcísico na aderência dos indivíduos ao chefe do grupo, justificando-o a partir do declínio da função paterna na Modernidade, que faz surgir outros fenômenos que geram a ligação afetiva ao chefe do grupo. Esse mecanismo funcionaria de modo a fazer o sujeito enxergar em seu líder a projeção de si mesmo a nível coletivo, concebendo-o enquanto uma personalidade semelhante a ele próprio, o que proporcionaria ao sujeito a satisfação que o levaria a seguir ordens em submissão.

O papel desempenhado pela censura da sexualidade e a inibição nas formações grupais também foi objeto de estudo de Wilhelm Reich (1988). O autor dá ênfase ao papel que a defesa de uma moral superior e do controle sexual desempenham nas massas, servindo como instrumento de dominação que impediria a revolta dos cidadãos pertencentes a classes inferiores. Reich demonstra que, em momentos de crise socioeconômica, ideais de bons costumes morais, família e casamento são evocados, o que serviria de resguardo contra a tomada de consciência de sua situação social, ligando os sujeitos à igreja. Para ele, a proteção ao modelo de família nuclear “é o princípio básico de toda a política cultural e reacionária” (1988, p. 65), significando que a repressão sexual em nome da moralidade, comportamento passível de ser observado nos discursos de Jair Bolsonaro, é essencial para a manutenção do controle e mobilização dos sujeitos. Isso foi demonstrado no maciço apoio de setores religiosos e conservadores ao então presidencial. A defesa de ideais de moral superior e de família nuclear se configurou como a principal via de propagação da candidatura de Bolsonaro, que,

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

através de seus jargões, articulou uma consistente base religiosa que o conduziu à consequente eleição.

O nítido apego e devoção ao líder gerado pela formação grupal se justifica pela introjeção deste objeto no ideal de *eu* dos indivíduos, que se configura como o principal eixo de constituição do fenômeno coletivo (Roudinesco; Plon, 1998), como ratifica Freud (2011, p. 76), “uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal de *Eu* e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu *Eu*.”

Em seu texto, Freud (2011) delineia um tipo de identificação específica na qual os sujeitos se sentiriam de forma correlata em razão da mobilização de afetos provocados por um objeto externo, desde que este ocupe um lugar de relevância afetiva para aqueles que o tomam enquanto objeto de identificação. Essa ligação entre os sujeitos seria da mesma natureza da identificação presente nas massas, sendo o “algo externo”, a figura do líder. Essa modalidade de identificação se assemelha à empatia, isto é, a capacidade de sentir ou compreender outra pessoa a partir de sua perspectiva, uma vez que permite aos indivíduos se tornarem idênticos, em pensamento ou de fato, quando se encontram sintonizados em seus investimentos libidinais direcionados a um único objeto.

Em sintonia ao que defende Freud, McDougall estabelece que, para que haja a homogeneização das personalidades dos sujeitos em uma massa, essa precisa propiciar aos componentes do grupo a instauração de uma identificação entre eles, assim como uma concordância de objetivos. É dessa forma que os sujeitos se fundem e se transformam em uma unidade coesa em decorrência do enfraquecimento da criticidade que se esvai devido à afetividade irrestrita na massa.

4 A dinâmica imunológica das massas contemporâneas no Brasil

As eleições presidenciais de 2018 marcaram uma quebra de paradigma no que tange à rivalidade política no país, fomentando mais flutuações na já debilitada democracia brasileira (Coutinho, 2021). Na segunda metade da década de 2010, uma figura de caráter messiânico ganhou destaque no país concomitantemente ao momento de solavancos e derrocadas econômicas pelo qual o país atravessava durante o governo de Dilma Rousseff (Carneiro, 2017). A insatisfação popular com a gestão pública de um país em crise encontrou resguardo nas

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

promessas de Jair Bolsonaro, que viria a disputar as eleições presidenciais em 2018. Em contrapartida, uma parcela da população defendia a permanência do Partido dos Trabalhadores na condução do país; seus adeptos demonstravam gratidão e devoção desmedida, devido aos avanços sociais que a política assistencialista praticada nos anos precedentes havia propiciado às camadas sociais mais desfavorecidas (Sicsú, 2013).

A definitiva ruptura da significativa parcela da população brasileira com o governo então vigente foi inflamada pela figura de Jair Messias Bolsonaro, que se utilizou de um discurso intransigente para apregoar sua ideologia ultraconservadora e reunir adeptos para opor seu adversário, o candidato petista Fernando Haddad, que por sua vez representava a figura de Luiz Inácio Lula da Silva, considerado por parcela da população brasileira como a maior liderança do progressismo no país.

Bolsonaro, apoiado por setores religiosos, sobretudo cristãos da vertente neopentecostal, foi eleito como o representante que traria de volta a prosperidade ao país, seguindo condutas morais supostamente éticas e cristãs. Nesse contexto, houve um aumento no país da aderência ao movimento antipetista, ancorada em lideranças pastorais, que mobilizaram cada vez mais pessoas e disseminaram discursos contra os direitos humanos, contra o reconhecimento de direitos a grupos em vulnerabilidade e contra a suposta perpetuação de um regime comunista que estaria em curso no Brasil, sempre fundado em expressão de nacionalismo e de patriotismo. A indignação coletiva encontrou um local de abrigo na irredutibilidade discursiva de Bolsonaro, que exprimia condutas que feriam radicalmente o pacto democrático e a moral política da República, defendendo abertamente, a título de exemplo, o fuzilamento de seus opositores (Ribeiro, 2018).

A ameaça imagética de um golpe comunista é uma narrativa que ronda o imaginário dos brasileiros há décadas. A maquinação de uma trama comunista já havia sido utilizada para suscitar o apoio das massas em prol de pautas militares no país, ancorada em forte propaganda financiada por grupos de empresários e pelo governo norte-americano (Fico, 2015). Na eleição de 2018, mas também de 2022, Bolsonaro incentivou a disseminação de teorias conspiratórias acerca da existência de um regime comunista no país, aferventando o imaginário de seus apoiadores, que se uniram contra um inimigo, fantástico, em comum. Wilhelm Reich já chamava atenção para movimentos autoritários rotularem como “comunistas” seus adversários,

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

o que não estaria relacionado com a política, a economia ou o sentido histórico do termo, mas com a “estrutura mística reacionária do homem autoritário” (Reich, 1988, p. 112).

O Brasil em crise ofereceu subsídios para a ascensão de um personagem de feições populistas, que criou as condições ideais para seu estabelecimento, através da disseminação de *fake news* contra seus opositores e de teorias de conspiração que dominam o imaginário coletivo. No período pré-eleitoral, a campanha de Bolsonaro utilizou como estratégia o uso de um sistema de disparo automático de mensagens e *fake news*, através do aplicativo de comunicação *WhatsApp*, bombardeando seus usuários (Empoli, 2019). Tal estratégia ratifica a tese de Le Bon, conforme citada por Freud, acerca da preferência do grupo psicológico por inverdades, como evidencia o autor (Freud, 2011, p. 29), “as massas nunca tiveram a sede da verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar. Nelas o irreal tem primazia sobre o real, o que não é verdadeiro as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro”.

Na pós-modernidade, as notícias que são disparadas nas redes sociais podem se caracterizar como elementos incitantes do contágio na massa, visto que a partilha de informações entre os componentes da massa é mais eficiente. Os sujeitos, entretanto, não têm compromisso para com a fidedignidade das notícias, que são despejadas de forma acrítica, em uma torrente de disparos que revela o *modus operandi* psíquico do grupo. Freud (1921/2011) caracteriza o desprezo dos sujeitos enclausurados na multidão à veracidade das informações em um contexto no qual a internet era inexistente, antecipando um dos efeitos resultantes da instauração de uma mentalidade coletiva em uma era onde as informações são disseminadas sem filtro.

Na Era da Informação, a disseminação de notícias ocorre de forma abundante devido aos aparatos tecnológicos e midiáticos que compõem a conjuntura contemporânea, subsidiando o disparo torrencial de *fake news*, sobretudo de cunho político, que ganham espaço e credibilidade entre os usuários, com maior velocidade (Dizikes, 2018). A estratégia da manipulação de *Big Data* permite a criação de padrões de comportamentos coletivos a partir da sondagem dos desejos, até mesmo inconscientes, dos usuários (Han, 2018), facilitando a exploração da insatisfação popular para fins eleitorais. Tais elementos constituem uma massa de novas fisionomias, com uma psicologia particular devido ao poder agregador advindo da análise dos algoritmos e, inclusive, de *youtubers* e *bloggers* que contribuem para o alastramento de informações e o conseqüente contágio. Para Peter Sloterdijk (2002), as massas do século XXI

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

se encontram em estado gaseiforme, pois seus elementos estariam mais afastados uns dos outros, mas, ainda assim, sob a influência de programas de massa; o advento das redes sociais mantém os sujeitos coesos, mesmo em espaços remotos.

O característico funcionamento grupal que designa um inimigo a ser rechaçado, observável na massa bolsonarista influenciada pelo “gabinete do ódio” (Mello; Dal Piva, 2021), se assemelha a uma dinâmica psíquica rudimentar, denominada por Melanie Klein (1996) como posição esquizo-paranoide. Nesta, o ego infantil, ainda muito primitivo e imaturo, não está bem formado e passa a considerar objetos externos como ameaçadores, gerando uma carga de ansiedade paranoide. O psiquismo age a partir de uma lógica imunológica de ataque-defesa, visando eliminar os perigos que põem em risco a integridade do *Eu*. No sujeito adulto, a paranoia é fundamentada na negação da realidade, empregada contra os perseguidores fantasiosos que precisam ser exterminados. Uma vez que o ego não se encontra maduro o suficiente, o diferente e estranho ao sujeito se torna ameaçador, fazendo-o nutrir o desejo de extermínio paranoide como forma de autopreservação.

Em minha opinião, um aspecto típico do paranoico é que, apesar de desenvolver um poder de observação extremamente aguçado do mundo externo e dos objetos reais (por causa da sua ansiedade persecutória e de suas suspeitas constantes), essa capacidade de observação e seu senso de realidade são distorcidos, pois a ansiedade persecutória faz com que o paranoico observe as pessoas principalmente no intuito de averiguar se são perseguidores ou não. (Klein, 1996, p. 313).

Numa massa, o rebaixamento do senso de realidade resulta na credibilidade em ideias de conluíus acerca de um inimigo nocivo que colocaria em risco a integridade da nação e dos valores morais. A suscetibilidade dos sujeitos que decorre do medo paranoico de objetos ameaçadores os torna alvos fáceis para a instrumentalização de suas subjetividades, conforme assinala Calligaris (1991). Ao lidar com a dúvida e a incerteza tipicamente neuróticas, o sujeito nutre o desejo por ser instrumentalizado, isto é, ter sua subjetividade reduzida ao mero exercício de uma função desprovida de reflexão crítica. O constante não saber o que se quer conduz o sujeito moderno à busca por referências que o apontem o caminho a se seguir, como aponta o autor,

é este milagre que persegue o que chamo de saída perversa da neurose. Sendo impossível chegar a conhecer o saber paterno suposto, a opção é abdicar a própria singularidade de sujeito, aliená-la, construindo - de preferência coletivamente - um semblante de saber paterno que por isso mesmo seja sabido e compartilhado. Que isso nos garanta a certeza nos atos e a prática possível de uma fantasia comum é o prêmio

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

da operação. O seu custo é a transformação do sujeito em instrumento do saber assim estabelecido. (Calligaris, 1991, p. 112).

A perversão enquanto patologia social se caracteriza como uma solução para a neurose mediante a criação de uma aparência imagética do desejo do pai, que indicaria ao sujeito o que desejar. Este semblante unifica os quereres dos sujeitos, pois reduz as subjetividades a instrumentos, por intermédio do estabelecimento de um desejo compartilhável pela comunidade. Reich (1988) também identificava os cidadãos que se consideram neutros ou apolíticos como sujeitos ativos, uma vez que seus comportamentos se configuram como tentativas de se distanciar do conhecimento de suas responsabilidades sociais, optando por deixar-se ir com a massa.

O autoritarismo nas ações do ex-presidente, bem como suas garantias de um país melhor, remetiam a uma figura que desempenhou um papel primitivo no psiquismo, proporcionando aos sujeitos experienciar, de maneira retrógrada, um sentimento de proteção e garantias de sustento. Para Empoli (2019), a adesão ao discurso populista significa ser aceito por uma comunidade, partilhar objetivos e valores, o que confere ao sujeito um *status* de mudança de vida e um sentimento de pertencimento.

5 Considerações finais

A conjuntura política brasileira dos últimos anos trouxe consigo elementos que já haviam sido presenciados na história do país, como a promoção de ideais de valorização da família nuclear e de costumes ultraconservadores, movimentos comuns de serem constatados em períodos de crise. Dessa maneira, torna-se possível compreender o fenômeno da adesão de vertentes cristãs e de lideranças religiosas a discursos predominantemente obstinados e violentos, direcionando comportamentos hostis a seus inimigos, em defesa de uma moral superior e do controle sexual (Reich, 1988).

Contudo, particularidades próprias desse tempo, tais como a utilização de *fake news* nas campanhas de massa e a manipulação de dados e algoritmos, que amplificaram fenômenos grupais já apontados por Freud no início do século 20, exigem uma nova compreensão acerca do contexto psicossocial que compõe o cenário político. Tais elementos acrescem o desprezo pela verdade contido nas massas, como apontado por Le Bon (*apud* Freud, 2011).

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

A revisão da literatura contribuiu para aprofundar a compreensão dos aspectos contemporâneos que moldaram a dinâmica da massa bolsonarista, incorporando, além das ideias dos autores referenciados por Freud (2011), novas produções sobre a influência dos dispositivos tecnológicos atuais. A possibilidade de conhecimento de desejos mais profundos através do manejo de *Big Data* possibilita a criação de padrões de comportamentos coletivos que são absorvidos pelas massas e convertidos em apoio eleitoral, em um fenômeno de sugestionamento contemporâneo.

A devoção do agrupamento bolsonarista a seu líder revela a força do laço libidinal formado entre os membros do grupo, que são impelidos a agirem de maneira imunológica, afastando tudo o que é estranho (Han, 2015), numa dinâmica de ataque-defesa que objetiva exterminar ameaças à integridade do grupo. A violência abertamente expressa nas ações da massa conservadora, sobretudo contra grupos socialmente vulneráveis, resulta do sentimento de invencibilidade advindo da emergência de impulsos instintivos inconscientes, levando-os à irreduzibilidade em seus posicionamentos. Tal funcionamento grupal revela a personalidade coletiva adotada pelo agrupamento, rebaixando a criticidade dos adeptos e dotando as ações individuais de um caráter epidêmico que contagia a multidão.

A psicologia das massas é passível de ser observada quando há homogeneização dos indivíduos em uma multidão, e, embora Freud não fizesse distinção entre os objetivos políticos das massas, os fenômenos dos grupos são mais peculiares ao fascismo, como sugere Adorno (1951). Tendo em vista que nestes casos os objetivos das massas são irracionais e pouco sofisticados, demandando dos indivíduos um menor grau de organização, há uma amplificação dos fenômenos psíquicos investigados. O líder deste grupo não demanda uma construção intelectual ou um ordenamento estratégico, o que tornaria o agrupamento mais organizado e sofisticado, mas louva sua onipotência e o poder de destruição do grupo. Contudo, o autor reitera que até mesmo as massas com objetivos mais progressistas podem se deteriorar ao nível da psicologia das massas e perder de vista o horizonte da racionalidade que buscam.

O páreo das eleições presidenciais de 2022 novamente revelou uma série de estratégias eleitorais que se utilizaram da propagação das *fake news* para moldar padrões de comportamentos, mesmo a despeito da tentativa de combate à desinformação por parte das redes sociais. Com a finalidade de agregar grupos de apoiadores, o uso da tecnologia tem dado continuidade aos fenômenos de grupo e demonstra novas feições, além de fortalecer uma

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

personalidade grupal de devoção desmedida, uma vez que a massa bolsonarista apoiou a reeleição de seu líder e não aceitou o resultado contrário aos seus desejos, manifestando-se descrente deste e se expressando violentamente, mesmo após a consolidação do resultado e conclusão do pleito eleitoral.

Em razão das peculiaridades das massas próprias deste tempo e da recorrência cada vez mais frequente ao manejo de dados eletrônicos, deve-se pensar sobre como a edificação da irracionalidade em grupos políticos serve de apoio para o surgimento de líderes autoritários, por meio de processos eleitorais que minam a democracia de maneira sorrateira, utilizando-se de recursos que sugestionam e excitam multidões, em uma nova dinâmica de psicologia das massas.

Referências

ADORNO, T. W. Freudian theory and the pattern of fascist propaganda. *In: RÓHEIM, G. Psychoanalysis and the social sciences*. New York: International Universities Press, 1951. v. 3.

BROUSSE, M. H. **O inconsciente é a política**. São Paulo: EPB, 2003.

CALLIGARIS, C. A Sedução totalitária. *In: ARAGÃO, L.; CALLIGARIS, C.; COSTA, J.; SOUZA, O. Clínica do social: ensaios*. São Paulo: Escuta, 1991. cap. 5, p. 105-118.

CARNEIRO, R. A economia política do ensaio desenvolvimentista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 61-66, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/YXzvYX9fbzgsy3fnYX6w5Fy/?lang=pt#> Acesso em: 1 jan. 2022.

CONFERÊNCIA de reabertura. **Jurandir Freire Costa**. Rio de Janeiro: círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, 2021. 1 vídeo (125 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FMefJUkrtM4>. Acesso em: 30 abr. 2021.

COUTINHO, J. A. Democracia debilitada: a ascensão do fascismo no Brasil. **Revista Binacional Brasil-Argentina: diálogo entre as ciências, Vitória da Conquista**, v. 10, n. 01, p. 230-245, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/8765> Acesso em: 1 jan. 2022.

DIZIKES, P. Study: On Twitter, false news travel faster than true stories. **MIT News Office**, Massachusetts, 2018. Disponível em: <https://news.mit.edu/2018/study-twitter-false-news-travels-faster-true-stories-0308>. Acesso em: 27 jan. 2021.

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019.

FICO, C. **História do Brasil contemporâneo**: da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: Contexto, 2015.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HAN, B. C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Áyiné, 2018.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

KLEIN, M. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. *In: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. cap. 17, p. 304-329.

LE BON, G. **Psicologia das multidões**. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1980.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARIANO, R.; GERARDI, D. A. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, São Paulo, n. 120, p. 61-76, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i120p61-76. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155531>. Acesso em: 1 jan. 2022.

MCDUGALL, W. **The group mind**: a sketch of the principles of collective psychology with some attempt to apply them to the interpretation of national life and character. Cambridge: University Press, 1921.

MELLO, I.; DAL PIVA, J. Assessores do “gabinete do ódio” admitem atuar na comunicação do governo. **Uol Notícias**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/08/gabinete-do-odio-bolsonaro.htm>. Acesso em: 05 jan. 2022.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RIBEIRO, J. “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. **Exame**, [online], 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em: 25 de set. de 2020.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SICSÚ, J. **Dez anos que abalaram o Brasil, e o futuro?** São Paulo: Geração Editorial, 2013.

DOI: 10.24024/23579897v33n2a2024p01930209

SLOTERDIJK, P. **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

TROTTER, W. **Instincts of the heard in peace and war**. London: T. F. Unwin ltd, 1921.